



Recebido: 03/02/2013

Aprovado: 27/05/2013

Publicado: 10/06/2013

### **3. Devoção, Festa e Mercado: Práticas de Fé e Celebração em Santa cruz dos Milagres, sertão do Piauí**

---

Robério Américo do Carmo Souza<sup>I</sup>

Patrícia de Souza Santos<sup>II</sup>

Este artigo realiza um esforço inicial de compreensão histórica da experiência social de fiéis cristãos, no sertão do Piauí, na construção de práticas de fé e celebração da Santa Cruz dos Milagres, em movimento de constante recriação de sua divindade.

Palavras-chaves: Religiosidade Popular, Cultura Sertaneja, Santa Cruz dos Milagres.

#### **Devotion, festivity and market: practices of faith and celebration in Santa Cruz dos Milagres, outback of Piauí**

This paper makes an initial effort of historical understanding of the social experience of Christians in the Piauí's outback, in practices of faith and celebration of the Santa Cruz dos Milagres, in constant motion recreation of his divinity.

Keywords: Popular Religion, Outback Culture, Santa Cruz dos Milagres.

#### **Um lugar de devoção, festa e mercado**

O universo daquele de crê é um espaço circunscrito por diversas formas de apreensão do sagrado, resultado inclusive da forma como cada indivíduo usa e experimenta a fé, como rituais de devoção festivas e alegres constituindo os festejos, assim como penitenciais onde a dor dá significado à graça e expia os pecados. Em meio a esta diversidade também estão presentes inúmeros santos, que protegem e atendem o devoto em seus pedidos, prestam-lhe socorro nas horas difíceis, tornando, pela sua intervenção, o impossível possível.

Santa Cruz dos Milagres faz parte desse universo, mais especificamente do que convencionamos chamar de universo religioso sertanejo, onde a chuva se pede pela fé, nas orações e preces pelo fim da estiagem e melhores dias, onde a promessa é feita na perspectiva do atendimento do pedido, assim como a alegria das festas religiosas representam o agradecimento, por tanto trabalhamos na perspectiva de E. P. Thompson, que percebe a



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

experiência dos sujeitos como relevantes na constituição cultural e social dos grupos, assim entendendo que,

Os homens e mulheres também retomam como sujeitos dentro deste termo- não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidade e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura.<sup>III</sup>

Essas experiências vivenciadas cotidianamente moldam o modo como o devoto se relaciona com a santa, seu jeito particular, quando inserido no contexto social, reflete a relação dosromeiros de Santa Cruz dos Milagres, que em romaria todos os anos reafirmam seus votos com a santa, renovam a promessa ao fazer novos pedidos, reiteram inclusive seus laços de confiança.

Ir a Santa Cruz dos Milagres é também “abastecer o armário” comprar a roupa da moda e os santinhos que farão parte das lembranças que serão levadas aos entes queridos, aos amigos e parentes que não puderam vir ou deixaram “parano”<sup>IV</sup> a visita a Divina Santa Cruz, sendo assim, não é apenas a fé que movimenta a cidade de Santa Cruz dos Milagres, mas também o mercado que vende dos produtos de devoção ao traje da festa.

Compreendo, assim, que a Festa de Exaltação a Santa Cruz dos Milagres atravessa o sentido estritamente religioso e passeia pela experiência social dos devotos da santa interferindo e constituindo também sua experiência religiosa, não podemos pensar que o devoto vai a Santa Cruz apenas com a intenção de pagar sua promessa seria determinar e delimitar os devotos e a própria romaria, eles atuam na romaria como agentes transformadores e “as maneiras pelas quais qualquer geração viva, em qualquer “agora”, “manipula” a experiência desafiam a previsão e fogem a qualquer definição estreita da determinação “v; rompem o senso de que são apenas homens de fé e agem preservando sua tradição religiosa, mas também criando novos modos de convívio com ela.

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, que abriga o Santuário com o mesmo nome, fica a aproximadamente 180 km da Capital do Piauí, Teresina, a cidade localiza-se geograficamente no centro sul do Piauí, região semiárida, entrecortada por rios, mas com um clima seco durante a maior parte do ano.

A devoção a Santa Cruz dos Milagres tem seu início ainda no século XIX, período onde se acredita ter começado a peregrinação em direção ao então vilarejo de Santa Cruz dos Milagres, a base existente para comprovar ou pelo menos delimitar o início da romaria está presente na fala do povo ou como diz Padre Davi Mendes de Oliveira, que foi pároco do Santuário por quase 30 anos, percebe-se “nas “histórias” do povo que haveria um sinal indicativo do que aconteceu no princípio”<sup>VI</sup>. A romaria constitui uma das maiores rendas do município, pois graças a movimentação de pessoas a procura da milagrosa cruz, o comércio local sobrevive garantindo assim renda a população.



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

### **Construindo a fé, reconstruindo a divindade**

Nesse espaço de religiosidade heterogênea que a devoção surge, na maioria das vezes mesclada com elementos de diversas religiões, predominando em alguns casos, os ritos católicos, como a reza do terço e mesmo a devoção aos santos, crença geralmente fomentada pelas histórias dos santos e seus exemplos de castidade e temeridade a Deus.

No sertão, na falta do padre eram os beatos peregrinos que ao longo das suas andanças transmitiam a fé e davam os primeiros ensinamentos religiosos, eram eles quem construíam cemitérios e até mesmo as igrejas que abrigariam os padres nas desobrigas, essas capelas muitas vezes abrigavam os santos do povo, mártires sendo o seu culto tão verdadeiro e legítimo quanto o institucional.

Esse agente religioso popular atuava como a figura religiosa da comunidade, eles “aprenderam os ensinamentos do catolicismo popular quase sempre no próprio lugar de seu exercício religioso”<sup>vii</sup> são eles que “santificam” junto com o povo o santo comunitário, em Santa Cruz dos Milagres é o beato o responsável pela revelação do mistério mostrando ao vaqueiro a pequena cruz de chapada e o olho d’água que seriam os elementos de mediação para o milagre.

O beato figura como um dos personagens principais na criação desse catolicismo sertanejo, que adequava às práticas religiosas da Igreja Católica a realidade do povo, o beato tinha a missão de ensinar o terço, o ofício de Nossa Senhora e as ladainhas, uma ação que tinha como objetivo lutar contra o demônio e levar os devotos para o caminho da redenção, o catolicismo sertanejo nas palavras de João Everton:

[...] é profundamente marcado pela tradição dos beatos e beatas, segundo o costume dos sertanejos com suas cantorias e rezas populares; além do medo do diabo e do hábito de rezarem o terço e o ofício. Nesse catolicismo as manifestações dos ritos religiosos renovam, mudam [...] Muitos dos beatos são analfabetos, porém dominam com sabedoria a sua tradição. O beato é aquele que aos olhos de seu povo domina melhor a arte de aconselhar.<sup>viii</sup>

Foi pela ação de alguns desses beatos, que tiveram início, nas cercanias das cidades, pontos de devoção, lugares aonde se ia ao encontro de Deus pelas vias do “Santo Caseiro”, aquele criado e aclamado pela comunidade, caso ele fosse provedor de muitos milagres a devoção deixava o espaço da comunidade e se expandia para as regiões circunvizinhas, uma religiosidade recriada ao modo dos seus fiéis, com santos semelhantes a eles.

Eram esses “Santos Caseiros”, que curavam a dor de estômago, as erupções na pele, a gripe brava, o desaparecimento da réis ou mesmo as doenças incuráveis, em troca recebiam dos fiéis orações e celebrações geralmente festivas, que além de servir como pagamento da promessa, possibilitava o encontro com os conhecidos, cabendo ao santo recompensar o devoto com a



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

graça, uma espécie de troca como lembra Laura de Mello e Souza em sua análise da religiosidade colonial.

Para a maioria esmagadora dos habitantes da colônia, as doenças, as forças e armadilhas da Natureza apresentavam-se como indomáveis, irredutíveis. A fé mostrava, por isso mesmo, contornos tradicionais, arcaicos, onde a demanda de bens materiais e de vantagens concretas assumia grande importância, como se fosse uma espécie de contrato do tipo “toma lá dá cá”.<sup>IX</sup>

O Socorro pela via do sagrado ultrapassou o tempo e chegou ao século XX, período do recorte, assim como os sujeitos analisados por Mello e Souza, o homem nordestino, em especial o piauiense, ainda busca nas divindades a conquista de bens sejam eles matérias ou os de ordem natural, como a seca que ainda impõe a fome e a pobreza ao homem nordestino, que reza e pede a misericórdia de seus santos protetores, guiados pela fé.

Era pelo relato do primeiro milagre que se tornava um santo popular e amplamente divulgado, sendo o seu poder anunciado pelo devoto recebedor da graça, que passa a ser seu maior anunciador, a oralidade funciona então, como instrumento de confirmação e propagação do milagre, sendo a memória um importante veículo na manutenção dessa devoção, já que “o esquecimento equivale a sua supressão”.<sup>x</sup>

Manter viva a memória dos milagres também é uma das obrigações do devoto, que passa a contar as graças conquistadas, assim como também mantém o modo de relaciona-se com a santa, Michel Pollak define as memórias como “recordações” individuais o que não significa dizer que se afastem do coletivo, essa memória individual passa a fazer parte do grupo o que era antes um relato individual torna-se uma memória do grupo.

[...] a memória é constituída por *pessoas, personagens*. Aqui também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens freqüentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa.<sup>XI</sup>

É pelas memórias transmitidas através da oralidade que o milagre percorre o sertão, atraindo cada vez mais devotos para o retiro do santo. Histórias cercadas de simbolismo, que vem cheia de significado para quem escuta. Passamos a crer por que involuntariamente nossos pais ou conhecidos nos ensinaram a crer, relatos que abrem um leque de possibilidades de análise para o historiador.

As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la. Por meio dessa organização cada narrador, dá uma interpretação da realidade e situa nela a si mesmo e aos outros e é nesse sentido que as fontes orais se tornam significativas para nós.<sup>XII</sup>



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

O anúncio do milagre e confirmação pelo devoto recebedor da graça atrai novos devotos; é pelo relato dos agraciados com o milagre do santo, que seu poder é divulgado, devotos que muitas vezes atribuem ao santo, poderes fantásticos, que segundo eles só pode existir no universo dos eleitos, como sugere Solange Andrade “o santo é alguém cuja santidade é reconhecida como excepcional”<sup>XIII</sup>

Para o devoto vale crer em um ser que se assemelha a eles, pois muitos desses Santos Sertanejos passaram pela mesma agrura de seus devotos, viveu como eles, as injustiças sociais ou o dissabor da seca e as privações, mas o que os diferencia de seus devotos é a capacidade de fazer milagres de terem sido, segundo seus seguidores, escolhidos por Deus e por isso conquistaram a glória.

Devoção que é fomentada a partir das dificuldades diárias, pois assim se começa a crença, pela busca de coisas objetivas “palpáveis”. É certo que a plenitude moral e espiritual também faz parte do universo do fiel, mas no catolicismo popular surge de um modo diferente, o espírito está calmo quando a vida do devoto está farta e quando a família tem saúde.

As necessidades diárias também regulam o domínio do religioso, não basta pensarmos que o devoto procurar a Santa Cruz dos Milagres por que está tomado pela fé, há ainda outras motivações, que são sobretudo sociais inerentes ao seu cotidiano, algo compreendido por Max Weber “a partir das vivências, representações e fins subjetivos dos indivíduos”<sup>XIV</sup>, que no seu tempo organizam a vida em sintonia com o religioso, pelas práticas e cultos demarcados pelo grupo.

[...] A ação religiosa ou magicamente motivada em sua existência primordial, está orientada para este mundo. A ação religiosa ou magicamente motivada é, ademais, precisamente em sua forma primordial uma ação racional, pelo menos relativamente: ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência.<sup>XV</sup>

O santo não funciona apenas como mediador ou como guia para oração é também uma figura prática que age na busca de soluções reais.

Partindo do proposto por Weber, diríamos que as experiências cotidianas dos indivíduos forma e organiza o modo como eles se relacionaram com a divindade, esse santo lhes permite garantir o que desejam e, é o mediador entre eles e Deus, ainda partindo de Weber essa religiosidade da graça se mantém com tenacidade na religiosidade popular<sup>XVI</sup>, ou seja, é o culto da graça e a possibilidade que o santo tem de conceder milagres que mantém vivo e em “constante” transformação cultos como o de Santa Cruz dos Milagres.

Em um espaço como o que se encontra Santa Cruz dos Milagres o diálogo entre os devotos e o santo torna-se uma ação quase rotineira, orienta-se pelo proposto pela religião é também adequar o santo as suas apreensões cotidianas. Assim o santo torna-se parte do “corpo social”, sujeito as transformações e deve ser eficaz quando necessário, pois além da “eficácia efetiva



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

ou imaginada que lhes é inerente, cada vez mais coisas e processos também atraem “significados”, e por meio de atos significativos procura-se obter efeitos reais.”<sup>XVII</sup>

Em estudo sobre o catolicismo popular no sertão da Bahia, Cândido da Costa e Silva, pondera que os sujeitos por ele pesquisados compõem-se de uma maioria analfabeta<sup>XVIII</sup>, que se encontra ainda sujeita a espoliação de terra e ao trabalho como agregado nos grandes latifúndios, homens e mulheres que às vezes tinham como principal recurso, apenas a oração, mas até essa alternativa um tanto frágil parecia forte quando organizadas por um grande contingente, Canudos é um exemplo clássico de como sujeitos “organizados”, aterrorizavam os coronéis do sertão, como nos lembra Eduardo Hoornaet, “ninguém se importa com esses “vagos do sertão”, nem os governantes nem a igreja, senão na hora da perturbação da ordem pública.”<sup>XIX</sup>

Antes de ser um recurso de salvação a fé desses sertanejos pode ser descrita como um movimento de luta, um instrumento para afastá-los não só dos desmandos dos coronéis, como também proporcionar um encontro particular com Deus, uma forma de ligá-los a “religião” que os completava e entendia. Criando modos próprios de apreensão do sagrado fazia e, de certo modo faz parte até hoje, do cotidiano desses homens e mulheres religiosos, já que a Igreja Católica que aparecia de tempos em tempos pela desobriga não se adequava a fé do povo.

Ainda em meados do Século XX era possível notar a pouca atuação dos padres no serviço pastoral do sertão, algumas regiões, como é o caso do Piauí contava em algumas de suas freguesias com apenas um pároco para atender e “direcionar” tantas almas, na região valenciana território a qual pertence o Santuário de Santa Cruz dos Milagres o serviço religioso se fazia precariamente, em algumas circunstâncias a visita do bispo funcionava como um sopro de esperança para Igreja, que via na organização de sua visita uma forma de instruir e mobilizar os fiéis.

A religiosidade no centro-sul do Piauí é viva e intensa com a presença de muitos santos de culto popular, sob o comando de Santa Cruz dos Milagres a santa mais aclamada e importante da região. Nesse espaço que trabalhava a igreja com o objetivo de combater as superstições e as crenças que em muitas circunstâncias viam mescladas com elementos de magia, o objetivo da Igreja era reeducar seu rebanho, hoje se sabe que antes de repudiar a igreja une-se aos seus ritos o culto do povo, inserindo-os para manter seus fiéis.

As fontes também nos revelam como a Igreja Católica, apesar de um posicionamento, mas “tolerante”, percebe que o povo deve ser educado para uma verdadeira vivência cristã, sendo as limitações geográficas e apostólicas uma das maiores dificuldades na “instrução religiosa” do povo; no Piauí, o objetivo era demonstrar que o catolicismo heterogêneo existente entre o povo devia ser combatido e transformado.





Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

[...] Uma série de causas já determina um processo de anemia espiritual: situação geográfica e dificuldades de comunicação, número reduzido de líderes religiosos fora a densidade demográfica, ausência de espírito apostólico dos fiéis. [...] Não se deve esquecer ainda o acesso de preconceitos que circulam em nosso meio e que concorre para uma visão deformada da realidade. Em face de todos êsses fatores, encontramos, muitas vezes, um catolicismo eclético, incapaz de representar o espírito do verdadeiro catolicismo.<sup>XX</sup>

Vale salientar que essa adequação para além de um desejo de manter firme o rebanho, devia-se ainda a descrença do padre de que esses homens e mulheres seriam capazes de lidar com uma doutrina de fé e segui-la a risca como mandava o dogma da Igreja Católica, esse posicionamento não era exclusivo dos religiosos piauienses, pois a própria historiografia sobre o tema lembra que os padres ao chegarem ao sertão nordestino consideravam seu “rebanho” estranho, “por isso os taxava de falsos, preguiçosos, vingativos e luxuriosos ao último excesso”.<sup>XXI</sup>

Tal proposição taxativa para com os sertanejos lembra o período de colonização do Brasil, que teria sido habitado inicialmente por “degredados, prostitutas e gente baixa, um lugar nas quais se iam cumprir penas”<sup>XXII</sup>, portanto habita-se o sertão brasileiro nos mesmos moldes da colonização do Brasil, o sertão é então desbravado por bandeirantes sanguinário, mas povoado por “gente de toda espécie”, análise fomentada por Capistrano de Abreu sendo que,

Os povoadores primeiros foram gente pobre: soldados idos do Pernambuco, mal pagos a ponto de raros poderem calçar sapatos e meias; ilhéus nobres, mas gente necessitada, impelida à emigração pela procura de meios não existentes no arquipélago; soldados rotos e despedidos tomados na guerra e abandonados nas costas pelos holandeses; finalmente degradados.<sup>XXIII</sup>

Essa proposição moldava a lógica desses padres habituados a olhar de longe a vida da gente do sertão, percebendo-os como bárbaros diferentes do povo do litoral. Distantes dos costumes dos moradores, os padres ficavam satisfeitos em ensinar o que consideravam a verdadeira doutrina e, davam aqueles que viviam em pecado, a remissão pelo casamento, ou o amparo da alma pela extrema-unção, mesmo distante da instituição Igreja Católica, o povo não era avesso a ação evangelizadora, apenas estranhava o fato de seus santos e seu culto ser ignorado, já que aclama os mesmos santos da igreja, apenas adequando-os a sua realidade.

Enquanto isso a Igreja Católica encontrava modos de manter-se nessa terra, que distante dos olhares eclesiais parecia transpirar superstições e luxúrias, como primeira medida, os Capuchinhos são inseridos com a missão de levar a oração e o respeito ao trabalho. Esses emissários da palavra eram tão semelhantes fisicamente com os beatos do sertão o que tornava aproximação ainda mais fácil, para além da evangelização tinham ainda a função de solucionar as contentas em nome da verdadeira fé cristã e sob a insígnia da Igreja Católica Apostólica Romana.

O processo que permitiu a inserção da fé católica no Piauí veio de certo modo, pelas mãos dos sertanistas, como o colonizador Domingos Afonso Mafrense ou Sertão, que ao pacificar o território do Piauí instalava uma capela, que logo receberia um ministro da fé, ou algum missionário que em campanha de evangelização levava seus fiéis ao verdadeiro encontro com Deus.



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

Os padres, quase todos seculares, vinham vindo depois, um a um, quando as estradas já estavam desbravadas, os selvagens aldeados, para não dizer escravizados, as povoações fundadas, e se fazia preciso construir igrejas ou capellas e inaugurar freguezias ou parochias. Limitavam-se a ensinar a doutrina christã de viva voz, pela velha cartilha, e ás manifestações externas do culto, isto é, os sermões, procissões, missas, confissões e etc.<sup>XXIV</sup>

Percebemos como a religião Católica entra no território piauiense, após a pacificação do território, aqui as ações de evangelização foram voltadas, como anteriormente citadas, aos “novos” habitantes do território, que moravam a grandes distâncias o que dificultava a ação evangelizadora, o que não significava deixá-los, pois de tempos em tempos apareciam e ao chegarem sempre vinham com um ar doutrinador, conclamando ao povo para a conversão dos pecados.

A Igreja aqui instalada vista como formador social trazia em seu cerni o propósito de evangelizar as almas desse lado do sertão nordestino, ao pacificar o território entra em cena o padre, que agora passa a agir nessa terra recém encontrada na orientação dos nativos que ainda sobraram e dos fiéis que aqui se instalaram, é preciso educá-los como cristão católicos, combatendo os excessos e as idolatrias aos “santos estranhos”.

Importava retomar os laços com a Igreja romana e europeia, tão diferente e estranha para os moradores sertanejos, que pelo medo dos castigos de Deus ouviam o padre e abstraíam muito pouco “suas explicações não tem correspondência a síntese popular, não cabem em sua visão de mundo, são estranhas à sua realidade. Por isso as coisas são esquecidas imediatamente”<sup>XXV</sup>, quando o padre faltava, sobrava à divindade da comunidade, tão comum e próxima que mais parecia um ente de casa.

Por tanto o ideal nesses tempos era recriar sua própria divindade, que lhe corria em socorro sempre que precisavam que lhe era antes de tudo semelhante, próxima a eles. O Culto a Santa Cruz dos Milagres percorreu gerações e ainda mostrasse presente, atraindo novos fiéis, para um recanto árido no sertão do Piauí, lugar onde o mistério foi revelado ao surgir para o homem sertanejo à santa que “É arma em qualquer perigo, é raio de eterna luz”<sup>XXVI</sup>, a santa que cura e protege.

## Notas

<sup>I</sup> Doutor em História Social, professor do PPGHB/UFPI. Teresina- PI, Brasil.

<sup>II</sup> Licenciada em História, mestranda em História no PPGHB/UFPI. Teresina-PI, Brasil.

<sup>III</sup> THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. In *A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, p. 182.

<sup>IV</sup> Termo usualmente utilizado no Piauí que quer dizer para o ano que vem.

<sup>V</sup> THOMPSON, E. P. Op.Cit. p. 189

<sup>VI</sup> OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. Teresina: s/ed, 1990, p.05.





Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

<sup>VII</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Op. Cit., p. 35

<sup>VIII</sup> CRUZ, João Everton da. *Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro*. Dissertação de mestrado. Minas Gerais, 2010, p.18

<sup>IX</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia*. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 109.

<sup>X</sup> ANDRADE, Solange Ramos de. Espaço Sagrado e Sacralização do espaço: aspectos da procissão de corpos Christi em Maringá – PR. In *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, n. 11, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acessado em: 24 fev 2012.

<sup>XI</sup> POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992. p. 201

<sup>XII</sup> KHOURY, Yara Aun. *Narrativas Oraís na Investigação da História Social*. In Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, 2001, p.84

<sup>XIII</sup> ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In *Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo*. São Paulo: EDUSC, 2008, p. 242

<sup>XIV</sup> WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991. p. 279

<sup>XV</sup> WEBER, Op. Cit. p. 279

<sup>XVI</sup> WEBER. Op. Cit. p. 280

<sup>XVII</sup> WEBER. Op. Cit. p. 282

<sup>XVIII</sup> COSTA E SILVA, Cândido. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Editora Ática, 1982, p. 13

<sup>XIX</sup> HOORNAERT, Eduardo. *Os Anjos de Canudos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p. 15

<sup>XX</sup> VALENÇA. *Livro do Tombo - Paróquia de Nossa Senhora do Ó e Conceição, 1958-1990*, p. 05

<sup>XXI</sup> COSTA E SILVA, Cândido. Op. Cit., p. 22

<sup>XXII</sup> SOUZA, Laura de Mello e. *O Inferno Atlântico*. 1993, p. 89

<sup>XXIII</sup> ABREU, Capistrano. Op. Cit., p.144

<sup>XXIV</sup> CUNHA, Hygino. *História das Religiões no Piauí*. Teresina: Papelaria Piauihyense, 1924, p. 65

<sup>XXV</sup> SILVA, Cândido da Costa e. Op. Cit., p. 23.

<sup>XXVI</sup> Trecho do Hino da Santa Cruz, geralmente cantado no final das celebrações.



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

### Referências Bibliográficas

ABREU, Capistrano. **Capítulos de História Colonial**. 7ª ed. rev e anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Memória Cronológica, Histórica e Corográfica da Província do Piauí**. Teresina: Edufpi, 2005

ANDRADE, Solange Ramos. A Religiosidade Católica e a Santidade do Mártir. In **Projeto História: Revista do Programa de Pós-Graduação da PUC São Paulo**. São Paulo: EDUSC, 2008.

\_\_\_\_\_. Espaço Sagrado e Sacralização do espaço: aspectos da procissão de corpos Christi em Maringá – PR. In **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 11, setembro 2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acessado em: 24 fev 2012

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo: um estudo sobre religião popular**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N.S da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2004.

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro**. Dissertação de mestrado. Minas Gerais, 2010.

CUNHA, Hygino. **História das Religiões no Piauí**. Teresina: Papelaria Piauíense, 1924.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOORNAERT, Eduardo. **Os Anjos de Canudos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas Oraís na Investigação da História Social. In **Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2001.

MELO, Pe. Cláudio. **Fé e Civilização**. Teresina: S/ed, 1991.



Recebido: 03/02/2013  
Aprovado: 27/05/2013  
Publicado: 10/06/2013

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Representações da Cura no Catolicismo Popular. In ALVES, Paulo César. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994

MORAES FILHO, Alexandre José de Mello. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979

OLIVEIRA, Pe. Davi Mendes. **Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história**. Teresina: s/ed, 1990

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. Trad. Maria Theresinha Janine Ribeiro. In **Projeto História Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo**. São Paulo: EDUC, 2001

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo Encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1998

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro de Vida e da morte: um estudo do catolicismo popular no sertão da Bahia**. São Paulo: Ática, 1982

\_\_\_\_\_. Uma Leitura missionária da seca nordestina. In SILVA, Severino Vicente (org.). **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: Paulinas, 1988

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colônia**. 9ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

THOMPSON. E. P. O Termo Ausente: Experiência. In **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.